

ENTRE ESPINHOS DA CAATINGA E FERIDAS DA CIDADE: BREVE ANÁLISE LEXICULTURAL DA FAVELA EM “SANGUE DE IRMÃOS”, DE JOSÉ ARAS

Adriana Gonsalves da Silva Fontes (UNEB)
drykafontes@gmail.com

RESUMO

O artigo propõe uma análise lexicultural da lexia *favela* na obra “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, de José Aras. A pesquisa investiga como essa lexia carrega uma trajetória simbólica que liga a resistência do semiárido nordestino às realidades sociais das comunidades urbanas marginalizadas. Ao articular léxico e cultura, o estudo evidencia que o termo *favela* ultrapassa sua origem botânica para se tornar topônimo e, posteriormente, uma categoria socioterritorial marcada por estigmas, pertencimentos e formas de reinvenção coletiva. A partir da Lexicultura – campo que analisa as palavras como repositórios de experiências culturais –, a *favela* é tratada como uma Unidade Lexical Culturalmente Marcada, cuja Carga Cultural Partilhada reflete memórias, lutas e estratégias de sobrevivência. A obra de Aras é utilizada como *corpus* por sua riqueza lexical e por dar voz às resistências do sertão, resignificando a linguagem como instrumento de memória e denúncia. Conclui-se que compreender a trajetória da palavra *favela* é reconhecer o poder simbólico do léxico na construção de identidades e no fortalecimento da memória linguística e cultural de grupos historicamente invisibilizados.

Palavras-chave:

Favela. Lexicultura. Semiárido

RESUMEN

El artículo propone un análisis lexicultural de la palabra *favela* en la obra “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, de José Aras. La investigación explora cómo esta lexía condensa una trayectoria simbólica que conecta la resistencia del semiárido nordestino con las realidades sociales de las comunidades urbanas marginadas. Al articular léxico y cultura, el estudio revela que el término *favela* trasciende su origen botánico para transformarse en topónimo y, más tarde, en una categoría socioterritorial cargada de estigmas, pertenencias y formas colectivas de reinención. Desde la perspectiva de la Lexicultura – campo que analiza las palabras como depósitos de experiencias culturales –, *favela* se entiende como una Unidad Léxica Culturalmente Marcada, cuya Carga Cultural Compartida refleja memorias, luchas y estrategias de supervivencia. La obra de Aras se utiliza como *corpus* por su riqueza léxica y por dar voz a las resistencias del sertón, resignificando el lenguaje como herramienta de memoria y denuncia. Se concluye que comprender la trayectoria de la palabra *favela* es reconocer el poder simbólico del léxico en la construcción de identidades y en el fortalecimiento de la memoria lingüística y cultural de los grupos históricamente invisibilizados.

Palabras clave:

Favela. Lexicultura. Semiárido.

1. Considerações iniciais

A linguagem, mais que um sistema de signos, espelha nossas histórias, identidades e resistências. No entrelaçamento entre língua, cultura e sociedade, muitas palavras carregam memórias. É o caso da lexia *favela*, cuja polissemia revela percursos da flora do semiárido nordestino aos morros urbanos marginalizados. Este artigo, por meio de uma leitura lexicocultural da obra “Sangue de irmãos”, de José Aras, demonstra como esse vocábulo condensa uma trajetória de resistência e reinvenção identitária, conectando simbolicamente as adversidades do sertão às realidades das comunidades urbanas marginalizadas.

O termo que nomeia comunidades periféricas tem raízes no sertão baiano, especificamente na Guerra contra Canudos. Durante o conflito, militares acamparam em um local coberto pela planta espinhosa *Cnidoscolus quercifolius*, conhecida como *favela*. Ao retornarem ao Rio de Janeiro, sem soldo e impossibilitados de pagar alugueis, ocuparam um morro próximo ao centro. Em referência ao ambiente de luta no sertão, nomearam-no Morro da *Favela*, hoje Morro da Providência. Assim, um termo botânico transformou-se em topônimo e, posteriormente, em categoria socioterritorial, carregada de sentidos complexos, oscilando entre resistência, estigmatização e pertencimento.

Zylberger (1992), em Morro da Providência: Memórias da *Favela*, destaca a ocupação do morro por ex-combatentes de Canudos como crucial para a origem do termo. Ela aponta que

[...] foram as vivandeiras dos soldados (mulheres que acompanham as tropas para vender comestíveis) da guerra de Canudos que ao chegarem ao Rio, não podendo ficar no pátio do Quartel General com os 'praças', instalaram-se nas encostas do morro [...] E como essas mulheres vinham do morro da Favela, do interior baiano, começou-se a chamar o lugar onde elas acamparam de Favela e Favela ficou [...] (Zylberger, 1992, p. 53)

Este artigo é motivado por um questionamento sobre a origem do termo *favela* fora do contexto urbano, provocando uma reflexão sobre as trajetórias lexicais que interligam Canudos, o sertão e as grandes cidades brasileiras. Para aprofundar essa análise, utiliza-se “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, de José Aras, obra rica em léxico sertanejo denso e identitário, que foi objeto de estudo no mestrado da autora. Propõe-se, então, uma análise da lexia *favela* no campo da lexicocultura, compreendendo o termo como expressão de enraizamento histórico, simbólico e cultural.

2. *Léxico, identidade e território: fundamentos para uma análise lexicotur*

A linguagem é um instrumento de pensamento que organiza ideias e dá sentido ao mundo. Através dela, a sociedade reflete, analisa e decide; seu uso está intrinsecamente ligado à cultura, refletindo e transmitindo valores, crenças e costumes. É também uma ferramenta de poder, usada para marginalizar ou contestar, promover justiça social e defender direitos.

Dinâmica, a linguagem está em constante mudança, adaptando-se a novas realidades, criando novas palavras, desusando termos antigos e transformando significados. A palavra possui um poder social fundamental na comunicação intercultural, nomeando, criando e transformando o universo. Assim, o estudo do léxico – o acervo internalizado na mente do indivíduo – é fundamental para compreender o desenvolvimento e a transformação de uma língua e, consequentemente, de uma sociedade.

Abbate (2008, p. 716) enfatiza que “estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo”. O estudo lexical, embora por vezes subvalorizado, é de grande relevância para desvendar os segredos da história social e linguística através das lexias em momentos específicos.

Fontes (2024) argumenta que o estudo da linguagem, sob a ótica dos estudos lexicais, permite conhecer a época e o local onde o escritor/falante viveu, revelando características peculiares à sociedade em que se inseria. As relações sociais são o meio pelo qual o ser humano adquire a língua e manifesta seus sentimentos. Por isso, não se pode estudar a língua dissociada da sociedade, pois seu léxico reflete diretamente o sistema de valores, atividades socioculturais e costumes da comunidade.

Oliveira e Isquerdo (2001, p. 09) afirmam que “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade, pois nela se deixa transparecer seus valores, suas crenças, seus hábitos e costumes.” Consequentemente, língua e cultura estão intrinsecamente relacionadas, e o léxico de uma comunidade de fala tem a capacidade de reproduzir seu patrimônio sociocultural, mesmo diante de variações.

O léxico não é um aglomerado de palavras isoladas, mas uma estrutura organizada onde sentidos são atribuídos a partir dos contextos. Isquerdo (2001, p. 91) destaca que “investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade”. O estudo de um léxico regional, por exemplo, fornece dados signifi-

cativos sobre a história e a visão de mundo de um grupo, favorecendo uma melhor compreensão do povo e sua maneira de representar o mundo.

Os fundamentos apresentados são essenciais para compreender como determinadas unidades lexicais carregam, além de significados formais, valores culturais, afetivos e sociais.

A lexia *favela*, ao ser analisada nesse contexto, revela-se não apenas como um vocábulo comum, mas como um arquivo simbólico de experiências históricas e de sentidos profundamente enraizados na identidade coletiva de grupos marginalizados. Compreender sua carga cultural e simbólica é, portanto, condição para acessar camadas ocultas da memória social inscrita na língua.

2.1.Lexicologia

A Lexicologia, ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais de uma língua, não se limita à semântica, mas abrange os mecanismos de produção e atualização dos itens lexicais, sempre considerando a dimensão social na análise da significação. Embora seus estudos formais tenham se intensificado no século XIX, com a comparação histórica abrindo caminho para abordagens científicas da língua, seus primórdios remontam à Antiguidade Clássica.

Coseriu (1980, p. 38) defendia que a Lexicologia deveria ser a “primeira disciplina linguística”, pois as diferenças entre as línguas são, sobretudo, lexicais, refletindo distintas formas de organizar e conceber a experiência do mundo. Para ele, a linguagem possui um estrato léxico, correspondente ao mundo conhecido e dominado pelos indivíduos, e um estrato gramatical, que se refere à combinação desses elementos.

Para a análise proposta, é fundamental diferenciar conceitos como palavra, lexia, vocábulo e termo, frequentemente usados como sinônimos no senso comum, mas com especificidades diferentes no campo científico.

Abbate (2012) explica que palavra é um termo genérico e tradicional. Lexia, ou palavra lexemática, é a unidade significativa do léxico de uma língua, com significado social e função contextual, cuja unidade mínima é o lexema. O termo é uma palavra particular de uma ciência ou profissão, enquanto vocábulo refere-se à palavra considerada apenas em sua forma, independente do significado, como no vocabulário de uma comunidade.

Krieger (2010, p. 169-70) afirma que “o léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, mani-

festada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico”. Ele se renova, funcionando como o “pulmão das línguas”, mas também garante a permanência do pilar comum de palavras, essencial para a comunicação.

Na obra *Sangue de irmãos*, de José Aras, a lexia *favela* aparece em diversos contextos, revelando sua presença não apenas como elemento botânico da flora sertaneja, mas também como topônimo estratégico na guerra contra Canudos. Esse lexema passou por uma resignificação lexicocultural, transformando-se em um conceito de comunidade, especificamente as comunidades urbanas periféricas, marcadas por resistência, estigmatização e pertencimento social.

Assim como outras lexis da narrativa, relacionadas a localidades, profissões, fauna, flora, vestimentas, culinária e crenças, *favela* integra um conjunto lexical que preserva aspectos da memória coletiva e da identidade do povo sertanejo. Sua trajetória reflete processos históricos, culturais e sociais complexos, expressando enraizamento, exclusão, pertencimento e resistência.

2.2.Lexicultura

A Lexicultura, conceito cunhado por Robert Galisson no final da década de 1980, estuda a articulação entre léxico e cultura, focando na dimensão social e linguística das unidades lexicais. É um campo interdisciplinar que vê o léxico como reflexo e repositório de experiências culturais, tradições, crenças e vivências compartilhadas por uma comunidade.

Nesse contexto, as Unidades Lexicais Culturalmente Marcadas (ULCMs) são palavras com significados que vão além da denotação, tornando-se mais complexas para quem não faz parte daquele grupo sociocultural.

As palavras adquirem esses valores culturais através das relações sociais e experiências cotidianas, sendo mais visíveis em usos informais da língua. O cerne da lexicultura é a Carga Cultural Partilhada (CCP), um valor semântico-cultural adicional ao sentido referencial da palavra, compartilhado coletivamente pelos membros de uma comunidade e enraizado em práticas sociais consolidadas. A lexicultura, portanto, oferece uma forma eficaz de acessar a cultura de um povo através da linguagem.

Estudos contemporâneos, como os de Chrisomalis (2021), reforçam o caráter interdisciplinar da lexicultura, conectando-a à sociolinguística e à linguística antropológica para entender a cultura das palavras. Ao analisar o léxico sertanejo na narrativa de *Sangue de irmãos*, buscam-se compreender os matizes culturais e os desdobramentos

históricos que permeiam cada lexia, especialmente o vocábulo *favela*, cuja trajetória revela deslocamentos simbólicos, sociais e territoriais. Como destaca Barbosa (2009, p. 33), a lexicultura evidencia “a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua”, pois “o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística”.

2.3. Lugar de fala, pertencimento e identidade

O lugar de fala, conforme Ribeiro (2017), refere-se à posição social de um indivíduo ou grupo em uma sociedade hierarquizada. Não se trata de uma limitação essencialista, mas do reconhecimento de que vivências moldadas por raça, gênero, classe ou sexualidade impactam diretamente a produção de discurso e conhecimento. Assim, a linguagem é atravessada por essas localizações sociais.

Ribeiro (2017) destaca que a fala de grupos marginalizados é frequentemente silenciada. Falar a partir do próprio lugar de fala é, portanto, um ato político de afirmação e resistência, buscando desestabilizar narrativas dominantes. Todos possuem um lugar de fala, e reconhecê-lo é fundamental para entender as desigualdades sociais.

Nascimento (2019) complementa, mostrando que a linguagem é também uma ferramenta de dominação, onde o ato de nomear, especialmente na racialização, perpetua relações de poder. A linguagem, nesse sentido, carrega cor, gênero, etnia, classe e orientação sexual, tornando-se um espaço de disputa simbólica e política. Silva e Sousa (2017) reforçam que a fala é a manifestação de vozes coletivas, com o valor de uma forma linguística, residindo no valor social do grupo que a utiliza, refletindo e reforçando a estratificação social.

O pertencimento está intrinsecamente ligado à formação de identidades coletivas. A lexicultura, com suas Unidades Lexicais Culturalmente Marcadas (ULCM) e a Carga Cultural Partilhada (CCP), evidencia como o léxico funciona como marcador de pertencimento, espelhando vivências e tradições de uma comunidade. O vocabulário dominado por cada falante revela suas experiências de vida e dados culturais aos quais foi exposto.

No contexto das *favelas*, o senso de pertencimento se manifesta nas práticas sociais e na organização cotidiana. A lógica comunitária, a informalidade das relações de trabalho e os múltiplos usos do espaço produzem uma identidade compartilhada, que se expressa em manifestações culturais como

o samba e o carnaval. A *favela*, assim, consolida-se como espaço de resistência, produção cultural e vivência identitária.

A identidade, construída e afirmada pela linguagem, é utilizada como ferramenta de opressão ou reivindicação. O léxico, ao refletir realidades socioculturais distintas, atua como marcador de origem, pertencimento e resistência. Nas *favelas*, essa identidade é forjada no cotidiano, no enfrentamento da marginalização e na capacidade de autodefinição frente ao estigma.

Em síntese, lugar de fala, pertencimento e identidade são conceitos entrelaçados. A posição social molda as experiências e a linguagem do sujeito; essa linguagem reforça a identidade do grupo, e o pertencimento é compartilhado e reafirmado diariamente por meio do léxico. A análise da lexia *favela*, sob essa perspectiva, permite compreender como as palavras carregam e expressam as trajetórias sociais e os sentidos coletivos de um povo.

Estudar a palavra *favela* como uma Unidade Lexical Culturalmente Marcada (ULCM) é, por si só, um ato de reposicionamento discursivo: é reconhecer o valor epistemológico das vozes historicamente silenciadas e validar um lugar de fala que nasce da exclusão, mas também da resistência. Sendo assim, a análise lexicocultural dessa palavra permite apresentar as diversas camadas de significado que ela carrega, revelando sua importância como um arquivo simbólico de experiências históricas e de sentidos profundamente enraizados na identidade coletiva de grupos marginalizados.

3. *Sangue de irmãos como corpus da pesquisa*

Sangue de irmãos é uma obra escrita por José Soares Aras, que mergulha na história e na cultura do sertão do Conselheiro durante a guerra contra Canudos. A obra, estruturada em pequenos capítulos, apresenta uma narrativa rica e multifacetada que transcende os limites de um simples relato histórico.

Baseado em suas memórias, que remontam à infância marcada pelo conflito em Canudos e à sua experiência como recenseador do IBGE na década de 1920, Aras reconstrói um universo onde história, religiosidade, práticas medicinais e resistência popular se entrelaçam. Os rituais de cura, a relação com a natureza e a luta cotidiana do povo sertanejo estão entre os elementos centrais da narrativa.

Esta obra não é apenas um registro dos fatos, mas uma celebração da cultura e da identidade do sertão. Como destacado por Fontes (2024), *Sangue de irmãos* oferece um testemunho da força simbólica do sertão como espaço de memória, afirmando um olhar dos vencidos sobre os escombros

deixados pela violência institucional. Por isso, o livro é aqui adotado como *corpus* fundamental para o estudo da lexia *favela* e sua trajetória entre planta, território e identidade.

4. *Favela: da planta sertaneja ao espaço urbano nomeado*

O *Cnidoscolus quercifolius* é um arbusto espinhento da família das euforbiáceas. Suas flores brancas se agrupam em cimeiras, e seus frutos em cápsula contêm sementes oleaginosas e alimentícias que se assemelham às sementes de fava, daí seu nome popular, *favela*. De acordo com Duque (2004), a planta pode crescer de 3 a 5 metros de altura e demonstra notável resistência à seca; desenvolve mecanismos como a queda das folhas, a redução da superfície foliar e a proteção dos estômatos com pelos para diminuir a evaporação. O caule, rico em cortiça, e as raízes (xilopódios, engrossadas ou tubérculos) servem como depósitos de reservas alimentícias, produzidas durante o período chuvoso, por meio da fotossíntese e absorção de minerais, e são fundamentais para a sobrevivência da planta na estação seca.

A relação da planta com o contexto histórico da ocupação do Morro da *Favela*, atualmente Morro da Providência, no Rio de Janeiro, é direta e marcante. Após o conflito de Canudos, muitos soldados do Exército Brasileiro que retornaram à capital fluminense não receberam a moradia prometida pelo governo, assim como tiveram seus soldos suspensos. Como resultado, esses ex-combatentes foram se instalar nas encostas dos morros. Essa área, formada por construções precárias, recebeu o nome de Morro da *Favela*, em referência à planta *Cnidoscolus quercifolius*, que era abundante no terreno onde eles combateram em Canudos.

O topônimo *favela* passou a ser amplamente utilizado para se referir a conjuntos de moradias populares e informais a partir da década de 1920 – curiosamente o mesmo ano em que José Aras atuou como agente censitário do IBGE – e o seu surgimento no Brasil está intimamente relacionado à exclusão social de pessoas libertas após a abolição da escravidão, que, desprovidas de recursos, ocuparam áreas afastadas das cidades junto a outras parcelas mais pobres da população.

Para aprofundar a análise lexicocultural da lexia *favela* na obra, foram levantadas todas as ocorrências da lexia e seus derivados no *corpus*. A seguir, apresenta-se um quadro síntese com parte das lexias encontradas, os usos identificados (botânico, toponímico, simbólico), o contexto de ocorrência, Função Cultural/Simbólica e a página da ocorrência. Essa classificação busca demonstrar a multiplicidade de sentidos atribuídos à palavra e sua força como ULCM.

Quadro 1: *Favela*: usos botânico, toponímico e simbólico.

Categoria Lexicocultural	Lexia	Uso	Contexto na Obra	Função Cultural / Simbólica	Página
ULCM	Favela	Botânico	Usada na fabricação de pólvora artesanal na guerra.	Representa saberes tradicionais e resistência tática do sertanejo.	43, 60, 73
ULCM	Favela	Botânico	Predomina na vegetação da caatinga onde se trava o combate.	Indica rusticidade do ambiente e aliança do sertanejo com a natureza.	27
ULCM	Favela	Toponímico	"Alto da Favela", "descida da Favela", "sepultaram junto à Favela"	Marca geográfica estratégica, morro de defesa e resistência.	68, 73, 117
ULCM	Favela	Simbólico	Referência ao Morro da Favela (o que denota ao Morro da Favela no Rio após a guerra.	Etimologia da favela urbana: do sertão à cidade, da planta ao território social.	60, 61

Fonte: Autora da pesquisa

O Quadro 1 não apenas mapeia as ocorrências da lexia *favela* na obra de Aras (2009), como evidencia a trajetória lexical e simbólica de um termo que atravessa domínios distintos da experiência sertaneja. O uso botânico, vinculado à planta espinhosa da caatinga, estabelece uma base de resistência natural: a *favela*, adaptada ao solo árido, participa das estratégias de sobrevivência e defesa dos sertanejos durante a guerra. Esse primeiro sentido, vinculado ao saber popular, já carrega uma carga cultural partilhada que liga natureza e luta.

Ao tornar-se topônimo, como em Alto da *Favela* ou descida da *Favela*, a lexia ganha uma dimensão territorial e memorial: nomeia lugares de trincheira, vigilância, sepultamento e resistência. Esses usos geográficos são ressignificados por Aras (2009) como marcos de identidade e pertencimento. Por fim, o sentido simbólico, que relaciona a origem do termo *favela* como designação das comunidades periféricas urbanas, fecha esse percurso lexicocultural: da planta ao território, do território ao símbolo de marginalização e resistência urbana. Essa transformação revela como a lexia *favela*, enquanto Unidade Lexical Culturalmente Marcada (ULCM), se torna portadora de uma história social condensada, cujos sentidos se constroem coletivamente ao longo do tempo.

José Aras, como autor nascido na região de Canudos e profundo conhecedor da realidade sertaneja, ativa essas múltiplas camadas do léxico com intencionalidade poética e política. Ao longo da narrativa, ele insere a lexia em contextos descritivos e simbólicos que vão muito além da simples referência. Em trechos como “onde sepultaram junto à *Favela*” ou “descida da *Favela* foi limpa à bala”, observa-se que o uso da palavra carrega a memória do conflito, do luto e da dignidade dos vencidos. A partir dessas escolhas linguísticas, o autor transforma a linguagem em ferramenta de preservação cultural e de denúncia histórica. Sua escrita contribui para reafirmar a *favela*

como espaço de resistência – não apenas geográfica, mas simbólica – onde se inscreve a identidade de um povo forjado na adversidade.

5. Considerações finais

A trajetória da lexia *favela*, desde suas raízes no semiárido nordestino até sua consolidação nos morros urbanos, revela a potência simbólica e cultural das palavras na construção de identidades coletivas. A análise lexicocultural da obra *Sangue de irmãos*, de José Aras, em diálogo com as memórias do Morro da Providência, mostra que a linguagem é reflexo vivo das histórias, resistências e pertencimentos de um povo.

Originalmente designando uma planta típica da caatinga – resistente, espinhosa e de raízes profundas – o termo *favela* transformou-se em topônimo e, posteriormente, em categoria socioterritorial, carregando consigo os estigmas, as lutas e a força das comunidades marginalizadas. O paralelismo entre a rusticidade da planta e a resiliência dos moradores das *favelas* urbanas simboliza uma resistência que se firma tanto no solo árido do sertão quanto nas encostas precárias dos centros urbanos.

Compreender a polissemia da palavra *favela* é, portanto, reconhecer as múltiplas camadas de sentido que ela abriga, validando saberes historicamente silenciados e valorizando os lugares de fala que emergem da exclusão, mas também da invenção de novas formas de existência.

Este estudo, ao propor uma leitura lexicocultural da *favela*, abre caminho para a investigação de outras lexias sertanejas que, ao migrarem para contextos urbanos, foram ressignificadas e tornaram-se marcas de memória, cultura e resistência. Palavras oriundas da flora, dos ofícios, da religiosidade e das práticas culturais do semiárido podem revelar trajetórias lexicais tão ricas quanto a da *favela*, contribuindo para o fortalecimento de uma memória linguística viva, pulsante e popular – que, como a própria faveleira, resiste, floresce e nomeia realidades historicamente invisibilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Filologia e o Estudo do Léxico. *CADERNOS DO CNLF*, Série X, p. 716-721, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_244.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025

_____. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A.N.; SEABRA, M.C.T.C. de. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 2012.

ARAS, José [1953]. *Sangue de irmãos – Canudos por dentro*. ARAS, Roque; MACEDO, Adalgisa Nady Aras (Orgs). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59812>. Acesso 05 de jun. 2025.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*; tradução do Prof. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. (Coleção Linguística e filologia)

DUQUE, José Guimarães. *O Nordeste e as lavouras xerófilas*. 4. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

FONTES, Adriana Gonsalves da Silva. Canudos, um mar de histórias no sertão: análise do léxico sertanejo em *Sangue de irmãos – Canudos por dentro*, de José Aras. *Dissertação* (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024. 152f.

GALISSON, Robert. *Le dictionnaire de langue et le culturel: actes du Colloque International de lexicographie pédagogique*. Paris: Didier Erudition, 1988.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ____; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (Orgs). *A Ciência do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2. ed. Campo Grande-MS: UFMS, 2001, v. 01, p. 91-100.

KRIEGER, Maria da Graça. Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental e Norte Pioneiro. *Tese* (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. 415f.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, A.N.; OLIVEIRA, A.M.P.P. de (Orgs). *A Ciência do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2. ed. Campo Grande, 2001.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antonio Paulino de. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. *Revista Educação e Emancipação*, v. 10, n. 3, São Luís, set/dez.2017

ZYLBERGER, Sônia. *Morro da Providência: Memórias da Favela*. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Dep. Geral de Documentação e Informação e Cultura. 1992.